

Edy Lima

# QUARTO DE DESPEJO *Teatro*

baseado no diário de Carolina Maria de Jesus

*Quarto de despejo : teatro - Baseado no diário de Carolina Maria de Jesus*  
© Edy Lima, 2020

<b>Presidência</b>	Mario Ghio Júnior
<b>Direção de Operações</b>	Alvaro Claudino dos Santos Junior
<b>Direção Editorial</b>	Daniela Lima Villela Segura
<b>Gerência Editorial e de Negócios</b>	Carolina Tresolavy
<b>Gerência Editorial</b>	Fabio Weintraub
<b>Coordenação Editorial</b>	Laura Vecchioli
<b>Edição</b>	Kandy Saraiva e Juliana Muscovick
<b>Colaboração</b>	Andreia Pereira
<b>Projeto Gráfico e Diagramação</b>	Nathalia Laia
<b>Ilustração de Capa</b>	No Martins
<b>Planejamento e Controle de Produção</b>	Flávio Matuguma, Juliana Batista e Juliana Gonçalves
<b>Revisão</b>	Hires Héglan e Marília Bellio
<b>Projeto Pedagógico</b>	Patrícia Anunciada

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Lima, Edy. 1926-  
Quarto de despejo : teatro : baseado no diário de  
Carolina Maria de Jesus / Edy Lima ; ilustração de No  
Martins. -- 1. ed. -- São Paulo : Ática, 2020.  
104 p.

ISBN 978-85-08-19603-6

1. Teatro brasileiro 2. Jesus, Carolina Maria de, 1914-1977 -  
Diário 2. Negras - Brasil - Biografia 3. Favelas - São  
Paulo (SP) - Condições sociais 4. Negras - Brasil -  
Condições sociais I. Título II. Martins, No

20-4487

CDD B869.2

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

CL 750509

CAE 735250

2020

1ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:



**editora ática**

Direitos desta edição cedidos à Somos Sistemas de Ensino S.A.

Av. Paulista, 901, Bela Vista - São Paulo - SP - CEP 01310-200

Tel.: (0xx11) 4003-3061

Conheça o nosso portal de literatura Coletivo Leitor:

[www.coletivoleitor.com.br](http://www.coletivoleitor.com.br)

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	05
CAROLINA, por Amir Haddad	07
DAS RAZÕES QUE ME LEVARAM A ESTA ADAPTAÇÃO E DA TÉCNICA USADA, por Edy Lima	08
CAROLINA MARIA DE JESUS SOBRE A ADAPTAÇÃO PARA O TEATRO, por Carolina Maria de Jesus	10
QUARTO DE DESPEJO	15
SOBRE AS AUTORAS	101
SOBRE O ILUSTRADOR	103



# CAROLINA NO TEATRO

### Sobre esta edição

*Quarto de despejo: diário de uma favelada*, lançado em 1960, é uma das obras da literatura brasileira mais traduzidas para outras línguas. Causou alvoroço na sociedade — e na crítica literária — quando alçou ao sucesso e ao reconhecimento público uma mulher negra, mãe solo, catadora de papel, moradora da favela, pouco letrada.

Enquanto houve quem prestigiasse Carolina reconhecendo em seus escritos a audácia e a necessidade de expor a realidade dura que a maioria insistia — e ainda insiste — em ignorar, também houve quem a criticasse por ousar escrever fora dos padrões do cânone literário, por se considerar escritora ainda que só tivesse cursado até o segundo ano do Ensino Fundamental da época. Por que tanto incômodo? Quanto as palavras de Carolina Maria de Jesus remexeram o âmagô da sociedade para tamanho desdém?

Se apenas ler *Quarto de despejo* já causa inúmeras reflexões sobre as relações humanas, sobre desigualdade social, fome, família, abandono, miséria, política, falta de saneamento básico, privação de direitos, machismo, preconceito, burocracia, persistência, desespero, fé, consumo, racismo, alcoolismo e tantas outras questões como essas, que outras reações não seriam provocadas ao ver tudo isso sendo encenado em uma peça de teatro?

Em 1961, então, esse “diário de uma favelada” foi adaptado para o teatro pelas mãos de Edy Lima, que Carolina havia conhecido no ano anterior, quando assistiu à peça *A farsa da esposa perfeita*, da mesma autora, em Pelotas (RS), quando viajava para divulgar *Quarto de despejo*.

Carolina compareceu a vários ensaios, conheceu tanto Amir Haddad, que dirigiu a montagem e dá seu testemunho no prefácio deste livro, quanto os atores e atrizes que encenaram seu *best-seller*, entre elas Ruth de Souza, que magistralmente fez o papel de Carolina na primeira montagem da peça. A atriz começara sua carreira no Teatro Experimental Negro (TEN), companhia fundada por Abdias Nascimento, fundamental para a luta antirracista nos palcos e na televisão no Brasil.

Ruth de Souza foi a primeira atriz negra a se apresentar no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em maio de 1945, e também a primeira brasileira indicada ao prêmio de melhor atriz em um festival internacional de cinema — o Festival de Veneza, em 1954 —, por sua participação em “Sinhá Moça”. Seu pioneirismo abriu portas para que artistas negros fossem cada vez mais ocupando espaço no teatro, no cinema e na televisão.

Como laboratório, Ruth de Souza usou roupas da própria Carolina, separadas por esta. Foi com Carolina à favela, carregando o saco de catar papel, para, nas palavras da própria Carolina, “identificar os tipos para representar no palco”. A atriz precisava sentir literalmente na própria pele o que era viver como Carolina na favela. Foi fotografada, com uma lata d’água na cabeça, próxima à torneira na qual todos os dias Carolina ia buscar água.

Carolina Maria de Jesus levou os filhos ao Teatro Bela Vista, onde a peça foi encenada pela primeira vez, para que vissem um ensaio, e registrou a impressão de João, o filho mais velho, ao assistir a uma das cenas: “Tenho pavor de recordar esta quadra da nossa vida”. O pavor, sempre ele, lá, incomodando.

Também foi assistindo a uma das encenações da peça, após a estreia, que Carolina conheceu Jorge Amado, ao lado de quem se sentou na plateia e a quem achava que deveriam chamar de Jorge Amor, tamanha a cortesia e delicadeza com que ele a tratou na ocasião.

Entretanto, apesar do estrondoso sucesso de *Quarto de despejo*, a peça de teatro nunca chegou a ser publicada em livro. Estava mais do que na hora de reparar esse equívoco. E a comemoração dos sessenta anos de publicação da obra tornou isso possível.

Além de difundir o texto da adaptação teatral, esperamos com esta publicação levar *Quarto de despejo* a muitos palcos, multiplicando Carolinas, reverberando a contundência da voz de uma das escritoras mais corajosas da literatura brasileira, para, sessenta anos depois, tornar audíveis as estrelas que Carolina via ao meio-dia, tamanha a sua fome, porque “Quando uma criança passa fome, é problema de todo mundo”, diz Carolina, diz Carolina-Ruth de Souza, diz Carolina-Edy Lima.

Os editores

# CAROLINA

Já se passaram sessenta anos desde que este acontecimento se deu. Uma mulher, preta favelada, catadora de papel, é “descoberta” por um repórter que reúne seus escritos e os publica. É um sucesso estrondoso. Imediato.

Na época, eu era um jovem diretor de teatro.

Edy Lima, autora de *A farsa da esposa perfeita*, já era escritora de sucesso quando resolveu adaptar Carolina para o teatro. Não sei como nem por que fui escolhido para dirigir a encenação desse texto.

Na ocasião, o Antônio Abujamra disse que eu era um “escoteiro” cheio de boas intenções e que deveria encenar o texto de uma mulher favelada catadora de papel. Pois me fez muito bem!

Assim, passei a fazer parte da história dessa mulher surpreendente que foi Carolina. Ela assistia a quase todos os ensaios sentada ao meu lado no Teatro Bela Vista, em São Paulo.

Ruth de Souza encenava Carolina. Mais de vinte atores negros em cena. Apenas um branco, digo, branca, Celia Biar. Atriz elegante fazendo uma favelada.

Teatro lotado sempre. Classe média branca paulistana na plateia. Depois do espetáculo iam aos camarins oferecer emprego de doméstica para as atrizes negras. Pasmem!

Agora a peça finalmente é publicada. Novas gerações terão contato com ela, e quem sabe haja condições históricas e econômicas para uma nova montagem.

Fico muito ansioso para saber como seria essa encenação e como seria recebida pelas plateias... Sessenta anos depois.

Por enquanto, fiquem com o livro, “germe — que faz a palma; [...] chuva — que faz o mar”<sup>1</sup> como tão bem escreveu Castro Alves, o poeta negro da Abolição.

Salve Carolina Maria de Jesus!



Versos do poema “O livro e a América”, da obra *Espumas flutuantes*, de Castro Alves, em domínio público.

**Amir Haddad**

*Ator, diretor e professor de teatro, dirigiu Quarto de despejo na montagem de 1961.*

# DAS RAZÕES QUE ME LEVARAM A ESTA ADAPTAÇÃO E DA TÉCNICA USADA

Em geral, quem leu *Quarto de despejo* mostra-se curioso em saber como o tema foi transposto para o palco. Quando se fala em adaptação, pensa-se logo em transformar em ação dramática o trecho de uma obra de ficção. Sendo *Quarto de despejo* um diário e principalmente um levantamento sociológico, não tem trecho no sentido em que este ocorre na obra de ficção; portanto, no sentido literal, não há possibilidade de transpô-lo. Era necessário escrever uma peça e não adaptar uma história. Foi o que fiz. E fazendo isso mantive a atmosfera do diário, o problema por ele levantado e o sentimento que o inspirou.



Referência à peça mais conhecida escrita por Edy Lima, uma comédia que retrata a linguagem e os costumes do Rio Grande do Sul. A peça trata de uma mulher que faz de tudo para ajudar o marido. Estreou em 1959 e teve montagens em 1960, 1961, 1966 e 1993.

São grandes as diferenças entre *A farsa da esposa perfeita*<sup>2</sup> e *Quarto de despejo*, sem que com esta segunda peça esteja nem de longe renegando a anterior. Por ocasião de *A farsa da esposa perfeita*, eu disse, em entrevista a Delmiro Gonçalves, que pretendia saltar da técnica farsesca, usada naquela peça, gênero de teatro bem definido e com suas características próprias, para a procura de rumos mais largos.

A mudança completa não só de técnica, mas também de gênero e assunto verificada de uma peça para a outra, é decorrente de minha convicção íntima de que a obrigação do artista é renovar-se. Na minha opinião, é preferível que se esteja em contínua busca do que na cômoda segurança de repetir um acerto. Esta segunda posição é fácil sob todos os aspectos, inclusive porque muitos esperam que um autor repita, em suas peças subsequentes, algo de semelhante à primeira, em que já obteve êxito. Outros chegam mesmo a confundir esse comodismo com estilo, quando este é algo de mais intrínseco e não está ligado apenas às exterioridades evidentes. Por outro lado, a história dos maiores autores de teatro nos mostra, sem pretendermos cair em autoelogio, que eles se exercitaram em gêneros múltiplos; essa mesma

argumentação serve para justificar o fato de não ser esta uma peça original, mas, sim, a transposição para o teatro de obra escrita por outro autor. E veio daí minha escolha do diário de Carolina Maria de Jesus.

Essa escolha nada tem que ver com o sucesso da obra original, embora considere esse sucesso muito merecido. Eu o escolhi porque havia ali o levantamento de um problema, que, embora não se possa dizer que seja novo, nem como problema, nem como tema literário, era realizado pela primeira vez de dentro para fora, quando em todos os demais casos em que foi abordado, por razões óbvias, sentia-se o de fora para dentro, o de cima para baixo, com os prejuízos consequentes. Tentou-me pôr no teatro esse problema em toda sua crueza. Havia ainda alguns aspectos da personalidade que Carolina nos expõe no diário que eram como se uma personagem viesse ao meu encontro: a vocação extraordinária de escritora, que marca a autora do diário — vocação que, apesar de todos os percalços e das maiores dificuldades, teria de se impor — e a posição de uma mulher só diante do mundo e sua maravilhosa dedicação aos filhos. Foram essas as razões que me levaram a desejar transpor para o palco *Quarto de despejo*.

Tive de Carolina a autorização para fazer essa transposição de forma livre, seria essencial para o bom desenvolvimento da obra teatral. Segui com grande fidelidade o original, mantendo falas e citações do livro, o que Carolina reconheceu em seu manuscrito sobre a peça. No texto original, além dos negros, existem na favela nordestinos e ciganos, que também estão em cena. Carolina Maria de Jesus não só confiou em mim quando cedeu o direito de transformar *Quarto de despejo* em peça de teatro como me proporcionou total liberdade e grande compreensão, o que merece ser ressaltado uma vez que se trata de obra biográfica, em que a própria Carolina é apresentada como personagem principal da peça.

**Edy Lima**

*Autora de mais de cinquenta obras de literatura, também reconhecida por centrar em sua produção a situação da mulher na sociedade.*

## CAROLINA MARIA DE JESUS SOBRE A ADAPTAÇÃO PARA O TEATRO

Fui ver o ensaio da peça, Quarto de Despejo. Fiquei emocionada. Revendo a cópia fiel, de minha vida, na favela. As brigas constantes no meu barracão. Considero a favela, a sucursal do inferno com suas cenas degradantes. A peça no palco, retrata com fidelidade, as ocorrências da favela do Canindé. A Ruth de Souza, está magnífica no papel de Carolina Maria de Jesus. Ela representa o pavor que eu sentia, quando residia naquele núcleo degradante.

A cena com o Cigano, está real.

A cena digna, de louvor, quando vou ao Juizado de Menores retirar o dinheiro que o pai de Vera dá todos os meses, e não encontro. E a Ruth revela com voz amargurada — Ele é rico... e me dá só 250,00 por mês. E a menina que representa a Vera azucrinando os seus ouvidos: Eu quero sapatos! Eu quero sapatos. Os meus filhos foram ver os ensaios identificaram as cenas. Quando o João foi ao Juiz. — A peça é cômica, dramática e chocante. E vai agradar o público culto de São Paulo.

Felicito a dramaturga Edy Lima pelo seu trabalho conservando a fidelidade do livro.

**Carolina Maria de Jesus**

Fui ver o ensaio da peça, Quarto de despejo. Fiquei emocionada. Relevo a copia fiel, de minha vida; na parede das brigas constantes no meu banhão. Considero a parede, a sucursal do inferno com suas cenas degradantes, a peça no poleo, retrata com fidelidade, as ocorrências da parede do camindé. A Ruth de Souza, esta magnífica no papel de Carolina Maria de Jesus. - Ela representa o papão que eu sentia, quando residia naquele nucleo degradante. A cena com o cigano, esta real. A cena digna, de lançar, quando vai ao juizado de menores iniciar o dinheiro que o pai da Vera dá. Todas as vezes, e não encontro. E a Ruth revela em voz amargurada - Ele é rico... e me dá só 250.00 por mês e a renda que representa a Vera agucando os meus ouvidos. Eu quero sopotas! Eu quero sopotas! Os meus filhos fãem ver os ensaios e identificar as cenas. Ouviendo o João faz as grys - a peça e com a dramatica e chocante. E vai agradecer o publico culto de São Paulo, Felicito a dramaturga Edy Sma pelo seu trabalho consentando a fidelidade do livro Carolina Maria de Jesus